

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Trajetórias juvenis, memórias e cultura urbana.

Carlos Henrique dos Santos Martins.

Cita:

Carlos Henrique dos Santos Martins (2009). *Trajetórias juvenis, memórias e cultura urbana*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1823>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Trajetórias juvenis, memórias e cultura urbana

Carlos Henrique dos Santos Martins

CEFET-RJ – UnED Nova Iguaçu

chlobo@oi.com.br

Este texto resulta da análise de 42 questionários para identificar os vários tipos de jovens encontrados no baile de Charme¹. Mais do que uma análise, são apresentados dados relacionados a um universo juvenil particular que apontam alguns aspectos que possam indicar a diversidade dos seus sujeitos bem como suas características mais marcantes. Não representam a totalidade desse universo mas assinalam peculiaridades observáveis na juventude charmeira cujas particularidades são um recorte da realidade em que estão mergulhados os jovens em geral. Estas estão relacionadas a aspectos que aproximam gostos culturais, além de evidenciar as desigualdades sociais marcadas por uma fase da vida onde a condição juvenil está orientada principalmente pela origem socioeconômica desses indivíduos. Aqui enfatizam-se alguns marcadores geracionais no processo de transição para a vida adulta considerados importantes para a compreensão desse período, além de assinalar a conquista, ainda que relativa, da autonomia juvenil frente aos adultos.

A Cor da juventude charmeira

Para perceber como se identificavam ou se reconheciam no caso de raça/cor foi usada a mesma referência empregada pelo recenseamento nacional e à exceção de duas todas as mulheres se auto-identificaram como negras enquanto os homens apenas quatro declararam ser brancos. Um jovem que, ao contrário de todos os seus marcadores fenotípicos ou morfobiológicos, se auto-identificou como negro atribuiu isso ao fato do pai ser negro e, sendo assim, ele não poderia ser diferente. No entanto, Soares (2008) considera que

A identificação racial não é mera consequência da cor dos nossos pais. É uma construção social para a qual contribui o lugar que as pessoas ocupam na sociedade e, também, como as próprias pessoas se vêem. Nada garante que esse modo de construir sua própria identidade seja constante ao longo do tempo. Para os indivíduos, pode depender de mudanças nas suas visões de mundo, ideologia ou até refletir experiências particulares que os afetaram. Do ponto de vista da sociedade, pode refletir mudanças em como cada identidade racial é construída (pág. 105).

Ao analisar a variação do emprego das terminologias de acordo com distintas situações, Sansone (2003) observa que há, na auto-identificação, uma relação entre a preferência somática, ou seja, aquilo que o indivíduo gostaria de ser – o que o faz usar termos aproximativos – e “os discursos sobre a democracia racial e a celebração da mestiçagem” (pág. 69) – o que nos torna todos iguais, com as mesmas possibilidades de ocupação de lugares e espaços sociais. Adverte ainda que a autodescrição é relacional e pode variar de acordo com cada situação e ambiente que o mesmo sujeito esteja envolvido. Desse modo, funciona como estratégia para enfatizar posições e identidade de acordo com cada contexto assim como varia conforme a idade, o grau de instrução e a empregabilidade, por exemplo. No caso do Charme a expressão *Black* é marcadora de forte presença e identidade mais

¹ Movimento cultural característico da Cidade do Rio de Janeiro que envolve diversos ritmos da musicalidade negra. Ver Martins (2004).

potencializadora do que preto. É um movimento cultural em que a presença de negros é mais acentuada e reproduz sua continuidade como expressão da cultura negra hibridizada pelos vários movimentos culturais e musicais dos quais se origina. Para muitos sujeitos da geração anterior – da qual seus pais fazem parte – as práticas sociais traduzem o interesse por minimizar as diferenças de cor e/ou como “estratégias individuais a reduzir a desvantagem racial” que, na maioria das vezes “baseiam-se no pressuposto de que existe, na sociedade brasileira, uma incompatibilidade básica entre ser negro e ter prestígio social” (Idem, pág. 11). Para outros da geração atual essas práticas podem produzir o fortalecimento da consciência de identidade e que parece estar presente no cotidiano desses jovens. Alguns fizeram questão de frisar que são da raça negra e que a cor de sua pele era preta. Outros expressaram sua rejeição ao termo pardo. Com relação ao termo raça, apesar de sua popularidade como categoria nativa, pois designa aspectos da vida social dos indivíduos, cabe lembrar que ela não se sustenta do ponto de vista teórico em função principalmente de sua indeterminação, de seu caráter vago e cujo conceito parece não explicar as questões relacionadas a um grupo específico mas às questões gerais de natureza humana. Não se trata de uma realidade meramente biológica mas de um conceito fortemente ideológico que sustenta a dominação, as relações de poder e o racismo (MUNANGA, 2004).

A expressão negro apresenta-se como categoria sociopolítica de conotação positiva potencializada como marca identificadora de expressão da cultura popular, da música, religião, mas também como categoria política includente de outras nomenclaturas que reúnem ou são reunidas para formar e marcar uma identidade polarizada que aproxima as desigualdades expressas pelas classes sociais, por exemplo.

Trabalho, renda e escolaridade

A renda familiar variou entre 450 reais e 4000 reais sendo que a maioria encontra-se entre 1000 e 2000 reais. 25% dos entrevistados não informaram a renda possivelmente por desconhecer os vencimentos dos membros da família. 30% não informaram sua renda pessoal, estando inseridos nesse grupo aqueles jovens que encontram-se desempregados e/ou que continuam estudando e mantidos pelos pais, gozando, desse modo, de moratória social marcada por distintas condições materiais oferecidas pela família o que, mesmo em um pequeno grupo analisado, pode nos mostrar formas heterogêneas de ser jovem. São sujeitos que compartilham distintos modos de inserção social marcados pela tensão provocada pelo desemprego e pela falta de acesso aos bens materiais produzidos pela indústria cultural que, orientada pela “biopolítica do consumo” (REGUILLO, 2000, pág. 86) e que ressignificam o sujeito juvenil através produção de objetos símbolos da própria juventude.

Dos 19 jovens que disseram ainda estudar 10 estão cursando o ensino superior não havendo predominância na questão de gênero. Entre os 22 que não se encontram estudando a metade possui o

ensino médio completo e apenas um jovem concluiu o ensino superior. Entre os estudantes a maioria é composta de mulheres, o que coincide com dados de diversas pesquisas que apontam maiores níveis de escolaridade e menor tempo de permanência na escola por parte do sexo feminino, o que não quer dizer, no caso dessas jovens, que gozem de maior moratória social.

Vale verificar os motivos pelos quais os jovens interromperam seus estudos, pois podem estar relacionados, dentre outros fatores, à perda de sentido da escola como espaço de socialização ou de sua credibilidade, uma vez que estar na escola, concluir os estudos não representa mais a garantia de um futuro melhor, de maior facilidade de acesso ao mercado de trabalho. Sabem que não há mais uma relação direta entre nível de escolaridade e inserção produtiva. Entretanto, a realidade assinala uma contradição, pois ao mesmo tempo esses jovens deparam com o fato concreto de que a falta de oportunidade de inserção no mercado de trabalho pode ser agravada em consequência de não possuírem uma profissão definida, o que parece ressignificar a importância da certificação escolar². Há outros para os quais a escola torna-se um projeto interrompido pela necessidade de inserção prematura e muitas vezes precária através de trabalhos informais em decorrência da maternidade ou paternidade não planejadas, da pressão dos pais por ajudar nas despesas de casa e/ou da busca de autonomia, ainda que relativa, em se manter e satisfazer suas necessidades de lazer e consumo, por exemplo. Por outro lado, observa-se que o aumento do nível de escolaridade das novas gerações não resultou necessariamente no aumento das oportunidades de mobilidade social e/ou da qualidade dos postos de trabalho ocupados pelos jovens.

Nesse contexto, foram identificadas 29 diferentes ocupações. Observa-se que muitos não fazem distinção entre a formação profissional e o trabalho que desempenham, pois para várias dessas funções não há necessidade de formação profissional prévia e a aprendizagem acontece no próprio local de trabalho. Assim, não é possível relacionar escolaridade e mercado de trabalho que, nesse caso está completamente voltado para o setor de serviços com destaque para vendas, administração, telemarketing e atendimento ao público. Todas as ocupações são de baixa remuneração – até 2 SM –, o que reproduz a forma desigual e até violenta com que o mercado trata os jovens reservando para eles apenas as funções de fácil reposição. Apesar de sabermos que nem sempre a escolaridade está diretamente relacionada à garantia de melhor inserção no mercado de trabalho, alguns desses jovens, ainda que mal remunerados, parecem crer que a superação das suas dificuldades financeiras e a melhoria da qualidade de vida passa pelos bancos do ensino universitário.

Para a maioria dos jovens pobres a escola pública a que eles têm acesso não cumpre nenhuma de suas finalidades históricas, quer sejam a preparação para o ensino superior, a formação de um sujeito crítico, autônomo e cidadão ou ainda a preparação para o mundo do trabalho. Apesar das recentes políticas educacionais que privilegiam a massificação do ensino médio, Corti (2007) aponta que “há

² Sobre essa questão da relação entre escolaridade e inserção profissional, ver Alves (2008).

razoável grau de consenso entre especialistas a respeito da insuficiência do modelo atual de ensino médio, apontando que ele não consegue garantir nem a preparação efetiva para o vestibular nem a formação para o trabalho” (pág. 21). Essa definição, segundo a autora faz-se necessária, pois o ensino médio, além de atender ao aumento da demanda, precisa ter uma razão de existir para uma geração que pressiona não só por aumento da oferta como também por um modelo de escola que vá ao encontro das necessidades e interesses desses jovens. Essa perda de significado pode ser um dos fatores que fazem com que muitos jovens abandonem a escola e busquem a ocupação do tempo livre com atividades laborais informais.

Se nos espaços educacionais e culturais o discurso da democracia racial parece ganhar força e relevância através das distintas maneiras de apropriação dos marcadores identitários raciais feitas pelos sujeitos, independente da cor da pele, é nas relações sociais apontadas pela divisão do trabalho que esse discurso não se sustenta. Observa-se que no caso desses jovens pesquisados os postos de trabalho por eles ocupados reproduzem a desigualdade e o destino marcados e expressos pela ocupação de funções historicamente voltadas para os negros, ou seja, ocupações de subemprego. A divisão do mundo do trabalho, além de mostrar a divisão de classe potencializa duramente a distinção entre negros e brancos e que se refle, dentre outros fatores, na distribuição desigual de renda. No caso do Brasil, se nos últimos anos houve alguma atenuação nesses níveis de desigualdade, isso não se deve à melhoria do acesso a postos de trabalho com melhor remuneração por parte desses sujeitos, mas, primordialmente, aos programas governamentais de erradicação da miséria e da pobreza e não como política de emancipação voltada para a mobilidade social da população negra. Entretanto, sendo esta população predominante entre os pobres, Soares (2008) adverte que

Não se deve subestimar a importância da redução da desigualdade para a vida de indivíduos negros. Como estes são a maioria da população na metade inferior da distribuição de renda, qualquer política que leva a melhorias absolutas ou relativas para os 50% mais pobres da população, leva a melhorias no padrão de vida da maioria da população negra. Ou seja, mesmo sem mobilidade posicional, há mobilidade de renda (pág. 122).

Vale ressaltar que essa mobilidade na base tende a desaparecer no interior da escala de padrões mínimos de qualidade de vida. Ou seja, essas políticas parecem estar voltadas apenas para eliminar os efeitos perversos da miséria transformando-a em pobreza. Certamente não estão direcionadas e proporcionam o acesso a melhores oportunidades e postos de trabalho e, por conseguinte, em alguma mobilidade social. Os programas de erradicação da pobreza não consolidam o direito, mas funcionam como ajuda para minimizar os efeitos devastadores da fome e da miséria. Para Vera Telles (2000), “não

é qualquer tipo de promoção social que realiza o direito e não é qualquer tipo de iniciativa social que realiza a cidadania” (pág. 8), ou seja, tais programas não atuam como possibilidade de emancipação social.

Ainda que 80% dos entrevistados trabalhem com carteira assinada não é possível fazer oposição a alguns dados de pesquisa que confirmam as altas taxas de desemprego juvenil³. Ao analisar a centralidade que o trabalho ocupa no cotidiano juvenil, Tommasi (2007) aponta duas possibilidades que orientam as recentes pesquisas bem como as políticas públicas para esse segmento social. Segundo ela,

Muitos consideram importante postergar o ingresso dos jovens no mundo do trabalho para permitir a permanência na escola, favorecendo a aquisição de diplomas escolares de nível mais alto, que permitam ingressar em postos de trabalho mais interessantes, tanto em termos de remuneração como das possibilidades de realização pessoal. Por outro lado, vários programas são idealizados visando facilitar o ingresso dos jovens no mercado de trabalho por meio de oferta de cursos de formação profissional de curta duração [...] (pág. 24).

A despeito da falta de consenso sobre a maneira mais eficaz de conduzir o problema da inserção e do desemprego juvenis essa afirmação evidencia formas desiguais de enfrentar a questão. O que está em jogo nesse caso, é o aprofundamento das desigualdades sociais marcadas por distintas moratórias uma vez que para a maioria dos jovens pobres permanecer na escola é uma impossibilidade, um sonho, um projeto adiado pela necessidade de ingresso no mercado de trabalho. O trabalho, ainda que mal remunerado, possibilita aos jovens satisfazer necessidades básicas e a experimentar certa autonomia, ainda que dependam da ajuda dos pais para complementar sua renda, como é o caso da maioria das jovens entrevistadas. Mesmo que trabalhando na informalidade, alguns jovens consideram que a questão do emprego está relacionada a uma profissão digna, reconhecida socialmente e que não esteja ligada à ocupações historicamente destinadas àqueles sem estudos, pobres e negros. Assim, trabalhar como diarista ou faxineira, por exemplo, não representa estar empregada.

Sobre o Charme

A expressão “baile de Charme” serve como marca identitária que está presente de forma consolidada nas falas dos frequentadores ao se referirem à *Black Music* ou aos bailes em que são apresentadas variações oriundas da *Soul Music*, *R&B* e, mais recentemente, o *Hip Hop*. Este serve como importante porta de entrada dos jovens nos bailes e, por conseguinte, a renovação e continuidade do Charme como movimento cultural expressivo de determinado segmento que tem a intergeracionalidade como possibilidade de trocas e convívio social. Ela comporta a negociação, mas também a tensão que

³ Ver, por exemplo, IBASE/POLIS (2005).

oscila entre a atenuação e o acirramento da polaridade entre tradição e inovação dos estilos musicais. Se há uma visão apaixonada por parte de alguns adultos que lutam pela manutenção em nome da autenticidade, com a chegada dos jovens percebe-se maior mobilidade decorrente da introdução de outros novos gostos musicais e que passam a fazer parte do cenário charmeiro por conta principalmente da necessidade de renovação e aumento de público. Sansone (2004) observa que o mesmo fenômeno acontece com o samba, ao dizer que

Na verdade, a história do samba é pontilhada de episódios de confronto autêntico, que sempre resultaram em letras interessantes, entre o imperativo de conservar as tradições/raízes e o de inovar o samba para mantê-lo vivo (pág. 198).

Entretanto, essa discussão não se restringe apenas ao samba ou ao Charme, mas a todo o processo de transformação por que passam as expressões culturais ao longo da história e que vez por outra retoma antigas tensões produzidas por conservadores e progressistas e que são bastante evidenciadas, por exemplo, nas manifestações folclóricas.

Foram apresentadas seis questões cujo objetivo é, dentre outros, observar o momento da entrada e da permanência nos espaços da cultura charmeira. A família e a casa constituem-se em importantes objetos de análise para o aprofundamento dessa observação. As perguntas formuladas parecem confirmar, através das respostas que, independente da configuração ou das condições de moradia, a família ainda desempenha um papel importante na educação dessa geração juvenil e esse processo acontece primordialmente no âmbito familiar. Essa constatação estimula a investigação do papel da família na (re)definição de normas, valores e gosto juvenis, além trocas possíveis entre distintas gerações na sua relação com o mesmo espaço cultural. Para a maioria dos jovens a casa apresenta-se como espaço privilegiado no qual o primeiro contato com o Charme ocorreu. Lugar fundamental de trocas e aprendizagens, de suporte da memória, foi na casa – seja da família e suas distintas reconfigurações ou na de amigos e parentes – que 60% dos jovens que responderam ao questionário exploratório ouviram as primeiras músicas de Charme e aprenderam os primeiros passos de dança. Esses dados parecem indicar não só a casa como lugar privilegiado do encontro e a família como mediadora desse processo de aprendizagem e formação da cultura musical dos jovens. Talvez fosse importante perguntar ainda, com que idade esse primeiro contato se deu no sentido de aprofundar a discussão sobre a construção da memória juvenil e sua relação entre a idade e definição de gostos musicais e culturais.

Para tentar responder a essas perguntas talvez sejam necessários outros estudos que privilegiem entrevistas com os adultos no sentido de reconstituir seus universos juvenis charmeiros através das lembranças dos velhos tempos guardados em suas memórias. Entretanto, vale ressaltar que para lembrar-se da juventude é necessário que o tempo passe, envelheça. Para Barbosa (2007),

Embora a impressão que se tenha é a de que os grandes bailes black já viveram sua fase de outro, eles continuam se perpetuando de geração em geração, aproximando as pessoas, talvez até como uma forma de superação. Uma superação que se faz de modo dançante, musical, mas que nem por isso é menos importante (pág. 13).

É esse fenômeno da perpetuação, de um movimento que se constitui como intergeracional que vale ser destacado e compreendido como processo dinâmico em constante transformação que atravessa o tempo e reconfigura os espaços através da presença, do encontro de distintas gerações, encontro esse carregado de simbolismos para jovens e adultos. Para uns pode representar transformação e mudança. Para outros pode simbolizar perpetuação da memória, ainda que ressignificada, da lembrança e o reencontro com o seu passado, com sua história.

Referências bibliográficas

- ALVES, Natália. *Juventudes e inserção profissional*. Lisboa: Guide artes gráficas ltda., 2008.
- BARBOSA, Marcio e RIBEIRO, Esmeralda (Orgs.). *Bailes soul, samba-rocke, hip-hop e identidade em São Paulo*. São Paulo: Quilombhoje, 2007.
- CORTI, Ana Paula. *No labirinto do ensino médio*. Revista Ciência e Vida. Sociologia Especial, ano I, nº 2. São Paulo: Editora Escala, pág.16-23, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS – IBASE. *Juventude e Integração Sul-Americana: caracterização de situações-tipo e organizações juvenis*. Rio de Janeiro: IBASE/POLIS, 2008.
- _____. *Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: IBASE/POLIS, 2005.
- MARTINS, Carlos H. S. *Os bailes de Charme: territórios de elaboração de identidades juvenis*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense – Niterói: Rio de Janeiro, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org). *Cadernos PENESB nº 5*. Niterói: EDUFF, pág. 15-34, 2004.
- REGUILLO, Rossana. *Emergencia de culturas juveniles: estrategias del desencanto*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2000.
- SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade*. Salvador: EDUFBA; Pallas, 2003.
- SOARES, Sergei. *A Demografia da cor: a composição da população brasileira de 1890 a 2007*. In: THEODORO, Mario (Org.). *As Políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil – 120 anos após a abolição*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA, pág. 97-117, 2008.

_____. *A Trajetória da desigualdade: a evolução da renda relativa dos negros no Brasil*. In: THEODORO, Mario (Org.). *As Políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil – 120 anos após a abolição*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA, pág. 119-129, 2008.

TELLES, Vera. *Os dilemas da pobreza: entre a cidadania e a filantropia*. Cadernos da Escola do legislativo. Belo Horizonte, v.6, nº 11, pág.51-86, Julho/dezembro de 2000.

TOMMASI, L. *Trabalho. Necessidade, privilégio ou direito*. Revista Ciência e Vida. Sociologia Especial, ano I, nº 2. São Paulo: Editora Escala, pág. 24-35, 2007.